

Diversão & Arte

» FRANCO C. DANTAS

O ano de 2023 foi marcado por filmes que exploram vida e obra de grandes músicos do país. Beth Carvalho, Gal Costa, Claudinho e Buchecha, Tom Jobim e Elis Regina foram alguns dos que tiveram o legado resgatado recentemente pelo audiovisual. Agora, para fechar esse ciclo com chave de ouro, uma das bandas mais escandalosas e marcantes do país também é imortalizada na telona, com a estreia, hoje, de *Mamonas Assassinas: o filme*, do diretor Edson Spinello.

O longa acompanha a trajetória dos meninos Dinho (Ruy Brissac), Júlio (Robson Lima), Bento (Alberto Hinoto), Sérgio (Rhener Freitas) e Samuel (Adriano Tunes) desde o princípio simples do quinteto guarulhense, quando atendiam pelo nome Utopia e apostavam num som mais sério, até o sucesso meteórico com um único disco que vendeu mais de 3 milhões de cópias, seguido pela tragédia que abalou o Brasil, em 2 de março de 1996.

O quinteto de Guarulhos que conquistou o Brasil é tema de mais uma cinebiografia musical, que estreia hoje nos cinemas

Pelados em Santos

O elenco, em termos de qualificações para o papel, não deixa a desejar. Ruy Brissac e Adriano Tunes já haviam participado de um musical sobre a banda. Alberto Hinoto, além de sobrinho do guitarrista original do conjunto, participava de um projeto cover dos Mamonas. Robson Lima e Rhener Freitas colecionam currículo extenso e respeitado no teatro. Todos os atores, inclusive, possuem algum nível de trajetória individual na música, com experiências no universo das canções autorais.

O conceito da obra, escrito e pensado pelo roteirista Carlos Lombardi desde pelo menos 2016, passou de mão em mão até finalmente ser viabilizado pela produtora Walkiria Barbosa, com direção de Edson Spinello, conhecido pelos trabalhos em novelas da Globo e da Record. Curiosamente, a biografia foi, a princípio, pensada como uma minissérie de cinco capítulos, mas sem previsão de lançamento nesse formato televisivo até o momento.

Ao *Correio*, os atores Robson Lima e Rhener Freitas lembram o processo de preparação para os respectivos papéis de Júlio Rasec e Sérgio Reoli, e trazem os bastidores dessa tão aguardada produção.



Mamonas Assassinas: o filme

Edu Moraes/Digitalpago

Anteriormente ao filme, como era a relação de vocês com a banda Mamonas Assassinas?

Robson: Eu tinha 2 anos quando o acidente aconteceu, então, realmente não tive essa vivência, não vivi esse luto, não vivi essa perda. Mas eu sempre falo que rolou uma osmose durante a minha vida porque eu tenho irmãos mais velhos e era uma música que estava tocando sempre no rádio, tocava nas festas, então eu fui conhecendo o trabalho mesmo que de uma forma um pouco mais afastada.

Rhener: Eu sou um grande fã de Mamonas, escuto desde os meus primeiros passos, porque na minha casa sempre tocou muito. Meu irmão, que tem 41 anos, viveu esse auge aí dos meninos e era muito fã, muito, muito mesmo. Então eu digo que a nossa energia em casa sempre foi a energia dos Mamonas: a gente sempre brincou muito, zoou um ao outro. Eu também sempre tive bandas de garagem e as músicas dos Mamonas estavam, sempre ali, no repertório, eu fazia questão.

Como foi o processo de preparação para viver esses músicos?

Robson: Bem intenso. Eu acho que é uma colcha de retalhos, tem que realmente juntar muitas coisas: você pega não só as

ENTREVISTA // Robson Lima e Rhener Freitas

influências culturais que esses caras perpetuaram nessa geração, no nosso país e na nossa cultura como um todo, você pega relatos, entrevistas e coisas públicas para conhecer quem eram essas personas no palco, frente à mídia. A gente também teve a presença da família de uma forma muito bacana, muito generosa. Eles compartilharam informações valiosíssimas para a construção desses personagens. Teve muita coisa que eles mostraram e conversaram com a gente que eles nunca nem tinham falado com a mídia, por exemplo.

Rhener: Também houve um estudo bem a fundo no roteiro, para saber qual era o objetivo de cada personagem para somar a essa história. Através de uma proposta do nosso diretor, dentro da sala de ensaio não éramos mais Rhener e Robson, a gente ali era o Serjão e o Júlio do roteiro. Isso foi muito importante, porque tivemos apenas um mês de preparação. Mesmo fora das salas de ensaio, a gente ainda estava nesse personagem. Da

minha parte, pessoalmente, também tive que aprender a andar de moto para contar a história do Sérgio como office boy e aprender a tocar bateria para somar mais na banda.

Ao longo do filme, são notáveis abordagens de atuação típicas do teatro, universo do qual vocês dois descendem. Como foi transpor a lógica cênica para o meio audiovisual?

Rhener: A gente sempre buscou encontrar a essência dos meninos, porque cinema é isso: muito detalhe, planos fechados, então você tem que estar muito seguro mas ao mesmo tempo solto, livre, para poder deixar a intuição falar mais alto. O teatro somou muito em relação às performances no palco e até no nosso poder de resolver as coisas rápido. Mas eu acredito que esse gostinho teatral que você diz vem muito dos meninos serem super-heróis. Eu entendo que o Spinello quis trazer essa energia de que eram seres humanos, claro, mas que tinha algo diferente neles, senão não seriam quem foram.

Robson: Tem um quê de teatralidade muito grande nos Mamonas. Querendo ou não, eles eram palhaços. O próprio Júlio era um cara muito contido, mas nos palcos e entrevistas tinha essa persona da Maria e estava sempre no pé do Dinho, brincando com ele. A teatralidade foi essencial para captar a essência mamônica, não tem como desassociar.

Como estão as expectativas para a estreia?

Robson: Não dá nem para pensar direito, porque tem tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo, muita repercussão já da mídia querendo conversar e trocar ideia com a gente... Eu acho que a gente só vai ter noção da dimensão realmente quando lançar. É uma honra muito grande fazer parte disso tudo, muito grande mesmo, mas eu acho que só vai cair a ficha quando realmente estreiar o filme.

Rhener: Eu acredito muito no poder da palavra em si, no poder das nossas escolhas, do nosso pensamento. Eu espero que seja sucesso absoluto, porque os meninos merecem isso, a família deles merece isso e também os fãs. Eu acho que o Brasil está carente de um pouco de diversão e de leveza, que é o que contamos nessa história: a simplicidade desses cinco garotos de Guarulhos que conquistaram o país e estão presentes até hoje em todas as famílias e nos nossos corações.